

Tomás de Aquino († 1274)

Tomás de Aquino resumiu, ele próprio, o programa da sua vida ao explicar um adágio da ordem dominicana, na qual ingressou em 1244: “É mais bonito iluminar do que somente brilhar; do mesmo modo, é mais bonito transmitir aos outros o que se contemplou do que somente contemplar.” De fato, ele consagrou toda a sua vida ao ensino, ilustrando de sua alta estatura intelectual o melhor do pensamento escolástico.

No decorrer da sua vida de estudos, Tomás percorreu amplamente a Europa: originário do sul da Itália, iniciou seus estudos na universidade de Nápoles, esteve várias vezes em Paris, primeiro como aluno, depois como mestre (1245-1248; 1252-1259; 1268-1272) e exerceu esse ofício de professor em Orvieto (1261-1265), em Roma (1265-1268) e em Nápoles (1272-1273). Toda a sua obra traz a marca do ensino: assim, embora se trate do fruto de um estudo obrigatório para obter o mestrado em teologia, o *Comentário das Sentenças* (1252-1254) é uma obra teológica pessoal que já anuncia as duas grandes sumas: a *Suma contra os gentios* (iniciada em 1259, terminada em 1265) e a *Suma teológica* (1265-1273, inacabada).

Na primeira dessas duas grandes sínteses, Tomás pretende propor uma obra de sabedoria: o estudo da *sapientia* era considerado o empreendimento humano mais perfeito, mais sublime, mais útil e mais agradável. Ele pretende portanto “expor, de acordo

com a nossa possibilidade, a verdade que a fé católica propõe, re-
futando ao mesmo tempo os erros contrários” (*Suma contra os
gentios*, I, cap. II). Por sua vez, a *Suma teológica*, que, com suas
três partes, se apresenta como uma obra concebida para “instruir
os iniciantes”, repousa numa concepção mais estrita da doutrina
sagrada, isto é, da teologia, que “trata tudo sob a razão de Deus
ou do ponto de vista de Deus, quer o objeto de estudo seja o pró-
prio Deus, quer se relacione com Deus como seu princípio ou
como seu fim” (*Suma teológica*, I, 1, 7).

Além disso, na medida em que a função de mestre em teolo-
gia, que Tomás assumiu desde a primavera de 1256, comportava
então três aspectos, comentar (*legere*), pregar e discutir, possuí-
mos várias séries de questões discutidas que atestam a diversida-
de e a riqueza dos debates intelectuais no século XIII, notada-
mente as questões *Sobre a alma* e *Sobre as criaturas espirituais*, ou
ainda *Sobre o mal*. Os numerosos comentários bíblicos que To-
más deixou – o *Comentário de Jó* (1261-1265), o *Comentário das
Epístolas de São Paulo*, a *Lectura* sobre São Mateus (1269-1270) e
a *Lectura* sobre São João – remetem igualmente à sua atividade
professoral. Mas não é o caso de seus doze comentários das obras
de Aristóteles (redigidos a partir de 1265). Estes atestam, muito
mais, a convicção de que uma sólida filosofia é o fundamento
indispensável para uma teologia de boa qualidade.

A essa série já impressionante de obras, convém acrescentar
um número considerável de pareceres e, sobretudo, alguns trata-
dos originalíssimos como, no domínio da filosofia primeira, *Do
ser e da essência* (1254-1256) e o opúsculo inacabado *Sobre as
substâncias separadas* (1271) ou, no domínio da teologia, o *Breve
resumo da teologia*, e, no campo da política, o tratado *Do reino*
(1267).

Não se deve tampouco esquecer que Tomás participou ativa-
mente dos debates que agitavam a vida intelectual de Paris, de-
fendendo vigorosamente o direito a ensinar das ordens mendi-
cantes, na querela que as opunha aos seculares: vários opúsculos
e tratados atestam sua intervenção nessa discussão, tão engajada
quanto candente. Não menos virulenta e feroz se mostra a inter-

venção de Tomás na discussão filosófica em torno da doutrina da possibilidade da unicidade do intelecto, a qual foi provocada notadamente por certos escritos de Sigério de Brabante, a partir de 1265. Com uma verve sem precedente, o dominicano, no tratado *Da unidade do intelecto contra os averroístas* (1270), combate a ideia de um intelecto único para todos os homens e quer demonstrar que seus adversários, em particular o filósofo árabe Averróis (falecido em 1198), dito o Comentador, são péssimos intérpretes dos textos de Aristóteles.

Esses numerosos escritos são o fruto de uma incansável atividade e de um trabalho obstinado que, de acordo com os testemunhos de seus próximos, cessou subitamente no mês de dezembro de 1273. Tomás parou de escrever, desfez-se do seu material de escrita e, segundo Reinaldo de Piperno, seu companheiro e assistente, teria afirmado o seguinte: “Não posso mais. Tudo o que escrevi me parece ninharia em comparação com o que vi.” Pouco tempo depois dessa decisão, que os historiadores interpretaram diversamente (seria consecutiva a uma experiência mística?), Tomás de Aquino morre a caminho do Concílio de Lyon, na abadia de Fossanova (ao sul de Roma), no dia 7 de março de 1274.

O pensamento do dominicano italiano se baseia numa concepção tão precisa quanto rigorosa da teologia que preenche os critérios da cientificidade. Ao mesmo tempo que afirma a superioridade da teologia, Tomás defende a legitimidade e a autonomia relativa da filosofia, a qual se funda exclusivamente na razão. A surpreendente “confiança no poder da razão” (Étienne Gilson) que caracteriza toda a sua especulação se explica pelo fato de que o real, que o filósofo procura compreender com a ajuda da razão, e a revelação, que o teólogo interpreta, têm o mesmo Deus por causa: por conseguinte, é impensável que “a verdade da fé seja contrária aos princípios que a razão conhece naturalmente” (*Suma contra os gentios*, I, cap. VII). O primeiro princípio indemonstrável sobre o qual repousa todo o procedimento da razão humana é o princípio da não-contradição. A esse primeiro axioma da razão especulativa corresponde, na ordem da

razão prática, a proposição: “É necessário fazer e buscar o bem, e evitar o mal”, axioma que se baseia na noção de bem, cujo conteúdo a razão apreende através das inclinações naturais do homem. Resulta daí, em última análise, uma ética para a qual a conformidade à razão é decisiva: “Nos atos humanos, o bem e o mal são determinados em relação à razão” (*Suma teológica*, I-II, 18, 5). Para Tomás, o homem é determinado por três relações: à razão, que é a medida das suas ações; a Deus, que é seu criador; a seu semelhante (*Suma teológica*, I-II, 72, 4). O ser humano é, de fato, não apenas animal racional mas também “animal social e político”, o que é atestado pelo fato de que o homem possui a linguagem que o torna capaz de manifestar seu pensamento e articular o que é justo e correto.

Graças ao hilemorfismo aristotélico, para o qual todo ser se explica pela matéria (*hýle*) e pela forma (*morphé*), é possível compreender a alma como forma do corpo e assegurar, contra todo dualismo, a unidade do homem. O empirismo epistemológico de Tomás, segundo o qual o conhecimento humano não pode prescindir da sensação, explica por que a proposição “Deus existe”, impossível de apreender diretamente pelos sentidos, não é evidente para a razão natural e deve, portanto, ser demonstrada. A demonstração mais célebre da existência de Deus (que se encontra na *Suma teológica*, I, 2, 3), tenta provar a verdade da dita proposição por cinco caminhos, referindo-se à experiência do movimento, da causalidade, da contingência, dos graus de perfeição e da finalidade das realidades naturais. Essas provas, que dependem de várias fontes filosóficas, ainda não revelam porém o aspecto mais original da concepção tomasiana de Deus: ele é o ser subsistente por si (*esse per se subsistens*).

Essa concepção de Deus pressupõe não apenas a distinção entre o ser e a essência, que caracteriza todo ente finito, mas também uma interpretação específica do ser concebido como a “atualidade de todas as formas” e a “perfeição de todas as perfeições”. Essa metafísica do Êxodo, designando Deus como “aquele que é” (Ex 3, 14), é solidária de uma consciência aguda dos limites do conhecimento humano de Deus. “Nosso conhecimento é a

tal ponto fraco que nenhum filósofo nunca pôde examinar perfeitamente a natureza de uma mosca: por isso lemos que um filósofo passou trinta anos na solidão para conhecer a natureza de uma abelha” (*Sobre o credo*, prólogo).

RUEDI IMBACH